

KANT, I. [*A inversão do procedimento da metafísica tradicional e a fundação de uma nova teoria do conhecimento*]. KrV, B XII-XXIII. Excerto.

Prefácio à 2ª edição da Crítica da Razão Pura (1787), pp. B XIV a BXVIII.
In: KANT, Immanuel ([1781] 1994), *Crítica da Razão Pura*, Lisboa: F.C.G.

B XII Quando Galileu fez rolar no plano inclinado as esferas, com uma aceleração que ele próprio escolhera, quando Torricelli fez suportar pelo ar um peso, que antecipadamente sabia idêntico ao peso conhecido de uma coluna de água, ou quando, mais recentemente, Stahl transformou metais em cal e esta, por sua vez,

B XIII | em metal, tirando-lhes e restituindo-lhes algo¹, foi uma iluminação para todos os físicos. Compreenderam que a razão só entende aquilo que produz segundo os seus próprios planos; que ela tem que tomar a dianteira com princípios, que determinam os seus juízos segundo leis constantes e deve forçar a natureza a responder às suas interrogações em vez de se deixar guiar por esta; de outro modo, as observações feitas ao acaso, realizadas sem plano prévio, não se ordenam segundo a lei necessária, que a razão procura e de que necessita. A razão, tendo por um lado os seus princípios, únicos a poderem dar aos fenómenos concordantes a autoridade de leis e, por outro, a experimentação, que imaginou segundo esses princípios, deve ir ao encontro da natureza, para ser por esta ensinada, e certo, mas não na qualidade de aluno que aceita tudo o que o mestre afirma, antes na de juiz investido nas suas funções, que obriga as testemunhas a responder aos quesitos que lhes apresenta. Assim, a própria física tem de agradecer a revolução, tão proveitosa, do seu modo de pensar, unicamente a ideia de procurar na natureza (e não imaginar),

¹ Não sigo aqui, rigorosamente, o fio da história do método experimental, cujos primórdios não são, de resto, bem conhecidos.

B XIV | de acordo com o que a razão nela pôs, o que nela deverá aprender e que por si só não alcançaria saber; só assim a física enveredou pelo trilho certo da ciência, após tantos séculos em que foi apenas simples tacteio.

O destino não foi até hoje tão favorável que permitisse trilhar o caminho seguro da ciência a *metafísica*, conhecimento especulativo da razão completamente a parte e que se eleva inteiramente acima das lições da experiência, mediante simples

[18]

conceitos (não, como a matemática, aplicando os conceitos à intuição²), devendo, portanto, a razão ser discípula de si própria; é, porém, a mais antiga de todas as ciências e subsistiria mesmo que as restantes fossem totalmente subvertidas pela voragem de uma barbárie, que tudo aniquilasse. Na verdade, a razão sente-se constantemente embaraçada, mesmo quando quer conhecer *a priori* (como tem a pretensão) as leis que a mais comum experiência confirma. É preciso arrepiar caminho inúmeras vezes, ao descobrir-se que a via não conduz aonde se deseja; e no que respeita ao acordo

B XV dos seus adeptos, relativamente as suas | afirmações, encontra-se a metafísica ainda tão longe de o alcançar, que mais parece um terreiro de luta, propriamente destinado a exercitar forças e onde nenhum lutador pode jamais assenhorear-se de qualquer posição, por mais insignificante, nem fundar sobre as suas vitórias conquista duradoura. Não há dúvida, pois, que até hoje o seu método tem sido um mero tacteio e, o que é pior, um tacteio apenas entre simples conceitos.

Porque será então que ainda aqui não se encontrou o caminho seguro da ciência? Acaso será ele impossível? De onde provém que a

² Intuição sensível – faculdade da sensibilidade.

natureza pôs na nossa razão o impulso incansável de procurar esse caminho como um dos seus mais importantes desígnios? Mais ainda: quão poucos motivos teremos para confiar na nossa razão se, num dos pontos mais importantes do nosso desejo de saber, não só nos abandona como nos ludibria com miragens, acabando por nos enganar! Ou talvez até hoje nos tenhamos apenas enganado no caminho; de que indícios nos poderemos servir para esperar, em novas investigações, sermos melhor sucedidos do que os outros que nos precederam?

Devia pensar que o exemplo da matemática e da física que, por efeito de uma revolução súbita,

B XVI | se converteram no que hoje são, seria suficientemente notável para nos levar a meditar na importância da alteração do método que lhes foi tão proveitosa e para, pelo menos neste ponto, tentar imitá-las, tanto quanto o permite a sua analogia, como conhecimentos racionais, com a metafísica. Até hoje admitia-se que o nosso conhecimento se devia regular pelos objectos; porém, todas as tenta-

[19]

tivas para descobrir *a priori*, mediante conceitos, algo que ampliasse o nosso conhecimento, malogravam-se com este pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objectos se deveriam regular pelo nosso conhecimento, o que assim já concorda melhor com o que desejamos, a saber, a possibilidade de um conhecimento *a priori* desses objectos, que estabeleceria algo sobre eles antes de nos serem dados. Trata-se aqui de uma semelhança com a primeira ideia de Copérnico; não podendo prosseguir na explicação dos movimentos celestes enquanto admitia que toda a multidão de estrelas se movia em torno do espectador, tentou se não daria melhor resultado fazer antes girar o

espectador e deixar, os astros imóveis. Ora, na metafísica, pode-se tentar o mesmo,

B XVII | no que diz respeito à *intuição* dos objectos. Se a intuição tivesse de se guiar pela natureza dos objectos, não vejo como deles se poderia conhecer algo *a priori*; se, pelo contrário, o objecto (enquanto objecto dos sentidos) se guiar pela natureza da nossa faculdade de intuição, posso perfeitamente representar essa possibilidade. Como, porém, não posso deter-me nessas intuições, desde o momento em que devem tornar-se conhecimentos; como é preciso, pelo contrário, que as reporte, como representações, a qualquer coisa que seja seu objecto e que determino por meio delas, terei que admitir que ou os *conceitos*, com a ajuda dos quais opero esta determinação, se regulam também pelo objecto e incorro no mesma dificuldade acerca do modo pelo qual dele poderei saber algo *a priori*; ou então os objectos, ou que e o mesmo, a *experiência* pela qual nos são conhecidos (como objectos dados) regula-se por esses conceitos e assim vejo um modo mais simples de sair do embaraço. Com efeito, a própria experiência é uma forma de conhecimento que exige concurso do entendimento, cuja regra devo pressupor em mim antes de me serem dados os objectos, por consequência, *a priori* e essa regra é expressa em

B XVIII *conceitos a priori*, pelos quais têm | de se regular necessariamente todos os objectos da experiência e com os quais devem concordar. No tocante aos objectos, na medida em que são simplesmente pensados pela razão — e necessariamente — mas sem poderem

[20]

(pelo menos tais como a razão os pensa) ser dados na experiência, todas as tentativas para os pensar (pois tem que poder ser pensados) serão, conseqüentemente, uma magnífica pedra de toque daquilo que consideramos ser a mudança de método na maneira de pensar, a

saber, que só conhecemos *a priori* das coisas o que nós mesmos nelas pomos³. (Ver esquema 1)

Este ensaio dá resultado e promete o caminho seguro da ciência para a metafísica, na sua primeira parte, que se ocupa de conceitos *a priori*, cujos objectos correspondente podem ser dados na experiência conforme a esses conceitos.

B XIX | Efectivamente, com a ajuda desta modificação do modo de pensar, pode-se muito bem explicar a possibilidade de um conhecimento *a priori* e, o que é ainda mais, dotar de provas suficientes as leis que *a priori* fundamentam a natureza, tomada como conjunto de objectos da experiência; ambas as coisas eram impossíveis seguindo o processo até agora usado. Porém, desta dedução da nossa capacidade de conhecimento *a priori*, na primeira parte da Metafísica, extrai-se um resultado insólito e aparentemente muito desfavorável à sua finalidade, da qual trata a segunda parte; ou seja, que deste modo não podemos nunca ultrapassar os limites da experiência possível, o que é precisamente a questão mais essencial desta ciência. Porém,

B XX | a verdade do resultado que obtemos nesta primeira apreciação do nosso conhecimento racional *a priori* é-nos dada pela contra-

[21]

³ Este método, imitado do método dos físicos, consiste, pois, em procurar os elementos da razão pura *naquilo que se pode confirmar ou refutar por uma experimentação*. Ora, para examinar as proposição da razão pura, sobretudo quando ousam ultrapassar os limites da experiência possível, não se podem submeter a experimentação aos seus *objectos* (como na física); pelo que só é visível dispor os *conceitos* e *princípios* admitidos *a priori*, de tal modo que os mesmos, *objectos* possam ser considerados de dois pontos de vista diferentes; *por um lado*, como *objectos* dos sentidos e do entendimento na experiência; *por outro*, como *objectos* que apenas são pensados, isto é, como *objectos* da razão pura isolada e que se esforça por transcender os limites da experiência. Ora, consideradas as coisas deste duplo ponta de vista, verifica-se acordo com o princípio da razão pura; encaradas de um só ponto de vista, surge inevitável o conflito da razão consigo própria; a experiência decide então em favor da justeza dessa distinção.

-prova da experimentação, pelo facto desse conhecimento apenas se referir a fenómenos e não as coisas em si que, embora em si mesmas reais, se mantêm para nos incognoscíveis. Com efeito, o que nos leva necessariamente a transpor os limites da experiência e de todos os fenómenos e o *incondicionado*, que a razão exige necessariamente e com plena legitimidade nas coisas em si, para tudo o que é condicionado, a fim de acabar, assim, a série das condições. Ora, admitindo que o nosso conhecimento por experiência se guia pelos objectos, como coisas em si, descobre-se que o incondicionado não pode *ser pensado sem contradição*; pelo contrário, *desaparece a contradição* se admitirmos que a nossa representação das coisas, tais como nos são dadas, não se regula por estas, consideradas como coisas em si (númeno), mas que são esses objectos, como fenómenos, que se regulam pelo nosso modo de representação, tendo conseqüentemente que buscar-se o incondicionado não nas coisas, na medida em que as conhecemos (em que nos são dadas), mas na medida em que as não conhecemos, enquanto coisas em si; isto é uma prova de que tem fundamento o que inicialmente admitimos a guisa de ensaio ⁴,

B XXI | Resta-nos ainda investigar, depois de negado à razão especulativa qualquer processo neste campo do supra-sensível, se no domínio do seu conhecimento prático não haveria dados para determinar esse conceito racional transcendente do incondicionado e, assim, de acordo com o desígnio da metafísica, ultrapassar os limites de qualquer experiência possível com o nosso conhecimento *a priori*, mas somente do ponto de vista prático. Deste modo, a razão especulativa concede-

⁴ Esta experimentação da razão pura tem grande analogia com a que os *químicos*, por vezes, denominam *redução* e em geral *processo sintético*. A *análise do metafísico* divide o conhecimento puro *a priori* em dois elementos muito diferentes: o das coisas como fenómenos e o das coisas em si. A *dialéctica* reúne-os para os pôr de acordo com a ideia racional e necessária do *incondicionado* e verifica que essa concordância se obtém unicamente graças a essa distinção a qual é, portanto, verdadeira.

nos, ainda assim, campo livre para essa extensão, embora o tivesse que deixar

[22]

vazio, competindo-nos a nós preenche-lo, se pudermos, com os dados

B XXII | práticos, ao que por ela mesmo somos convidados⁵.

A tarefa desta crítica da razão especulativa consiste neste ensaio de alterar o método que a metafísica até agora seguiu, operando assim nela uma revolução completa, segundo o exemplo dos geómetras e dos físicos. É um tratado acerca do método, não um sistema da própria ciência; porém, circunscreve-a totalmente. não só descrevendo o contorno dos seus limites, mas também

B XXIII | toda a sua estrutura interna. É que a razão pura especulativa tem em si mesma a particularidade de medir exactamente a sua capacidade em função dos diversos modos como escolhe os objectos para os pensar, bem como de enumerar completamente todas as diversas maneiras de por a si própria os problemas, podendo e devendo assim delinear o plano total de um sistema de metafísica. Efectivamente, em relação ao primeiro ponto, no conhecimento *a priori* nada pode ser atribuído aos objectos que o sujeito pensante não extraia de si próprio; relativamente ao segundo, com respeito

⁵ Assim, as leis centrais do movimento dos corpos celestes trouxeram uma certeza total ao que *Copérnico* de início admitiu como hipótese e demonstraram, simultaneamente, a força invisível que liga a fábrica do mundo (a atracção *de Newton*), que para sempre ficaria ignorada se Copérnico não tivesse ousado, de uma maneira contrária ao testemunho dos sentidos e contudo verdadeira, procurar a explicação dos movimentos observados, não nos objectos celestes, mas no seu espectador. Neste prefácio unicamente apresento, a título de hipótese, a mudança de método exposta na crítica e que é análoga a esta hipótese copernicana. Esta mudança será contudo estabelecida no corpo da obra, a partir da natureza das nossas representações do espaço e do tempo e a partir dos conceitos elementares do nosso entendimento. Será assim provada, já não hipoteticamente, mas apodicticamente. Apresento-a aqui como hipótese, unicamente para vincar o carácter sempre hipotético dos primeiros ensaios de uma reforma como esta.

aos princípios de conhecimento, a razão pura constitui uma unidade completamente à parte e autónoma, na qual, como num corpo organizado, cada membro existe para todos os outros e todos para cada um, não podendo inserir-se com segurança qualquer princípio *numa* conexão, sem ter sido ao mesmo tempo examinado o *conjunto* das suas conexões com todo o uso puro da razão.

[23]